

## RUA SANTANA GOMES

Deliberação da Câmara de 31-08-1927

Edital de 12-09-1927

Formada por rua sem denominação do Bonfim

Início na rua Luiz Gama

Término na rua Júlio Ribeiro

Bonfim

Obs.: Edital expedido e assinado pelo Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice Prefeito Municipal de Campinas, em exercício.

## SANTANA GOMES

José Pedro de Santana Gomes nasceu na então Vila de São Carlos, em 01-agosto-1834 e faleceu em Campinas em 04-abril-1908. Era filho de Manuel José Gomes e Fabiana Maria Cardoso e foi casado com Deolinda Gomes com quem teve 5 filhos: Paulino, falecido na Italia, Alice Gomes Grosso, Alfredo Gomes, Alzira Monteiro Gomes e Arlindo Gomes. Era o irmão mais velho do genial maestro Carlos Gomes. Santana Gomes, o Juca, como era familiarmente conhecido, foi predestinado à arte musical, podendo ter tido igual ou maior projeção que seu famoso irmão, não fossem as circunstâncias e sua excessiva modéstia. Aprendeu com seu pai vários instrumentos, destacando-se a viola e o violino, no qual chegou ao virtuosismo. Com o falecimento do pai, assumiu a responsabilidade do magistério musical, dirigindo bandas e orquestras e a direção familiar. Santana dirigiu a famosa "Filorfenica" e organizou e dirigiu a Sociedade Musical "Carlos Gomes", para cuja estréia o autor de "O Guarani" escreveu, na Itália e para aqui enviou o "Hino das Artes". Foi, aliás, Santana quem estimulou a Carlos Gomes para que empreendesse sem temor a escalada que lhe daria a imortalidade e, na estréia de "O Guarani", na Itália, lá estava ao lado do querido irmão, a quem tantas vezes amparou financeiramente, a ponto de vender o que possuía para que o "Tonico de Campinas" não interrompesse sua gloriosa carreira artística. Grande compositor, Santana Gomes compôs a opera "Alda" com libreto de Emilio Ducat, em 4 atos e outra, que não chegou a completar: "Semira". Esmerou-se o seu talento em seu quinteto "Saudades", dedicado ao seu irmão Carlos Gomes, "Gei Orfanelli", "Berceuse" e no admirável trecho sacro "Tristi est Anima Mea". Escreveu ainda: "Ave Maria Stella", "Credo do Norte", "O Salutaris" e "Pange Lingua". Compôs as canções: "O Filho da Lavadeira" e "Suspiros" e as polcas "Angela", "Saboiardos", "Tico-Tico", "A Primavera", "Clube Campineiro", além de "Andante e Bolero em ré Menor", "Piston Solo em Lá", "Homenagem a Cesar Bierrenbach" e outros. Amigos seus mandaram construir um tumulo com seu busto, de autoria do escultor campineiro Marcelino Velez, no Cemitério da Saudade.

## Denominações do ruas



Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercicio, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Câmara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob. n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Alferes Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMAOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Maranhão, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARAES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e parallela á precedente (sob o n. 10, planta da Prefeitura) — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua parallela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogyana, vulgarmente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo. (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Itza*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, parallela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyra*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localizada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogyana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a parallela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGAARD, a 1.ª parallela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SANT'ANNA GOMES, a 2.ª parallela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua parallela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª parallela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª parallela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a parallela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, parallela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*. (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Atherio Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Alferes Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e parallela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa parallela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LETTE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), parallela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguara. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARAES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 4, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAYO FERRAZ, a 1.ª rua parallela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Cel. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende

**26 de Julho**  
**SANTANA**  
 É difícil escrever sobre a vida de pessoas quando há falta de dados positivos. É o caso que se verifica com Sant'Ana, mãe de Maria Santíssima. São raros as referências, havendo algumas, apenas, em torno das virtudes de Sant'Ana. O seu culto foi aprovado pela Santa Sé no ano de 1344, quando Urbano VI o permitiu aos católicos da Inglaterra. Em 1688 foi confirmada essa aprovação, e fixada a data de 26 de julho.  
 Sant'Ana e seu esposo, São Joaquim, não tinham filhos e após muito implorar essa bênção, nasceram-lhe a menina Maria, que desde pequena revelou sinais indubitáveis de vocação religiosa. Apesar de filha única, Sant'Ana não hesitou em encaminhar Maria para o seu destino supremo, oferecendo-a ao serviço de Deus com apenas três anos de idade. Não se apartou, todavia, Sant'Ana da sua filha querida. Ao contrário, foi extremamente mãe e altamente compreensiva de seus deveres. Sant'Ana é apontada como exemplo da virtude consuetudinária.

**SANTANA — Avó de Jesus Cristo**  
 O nome da mãe de Nossa Senhora, só é conhecido através das tradições; os livros santos não fazem menção de Santana, os evangelhos apócrifos, pelo contrário, falam dela exuberantemente. O Protevangelho de Tiago, em especial, diz que ela e seu esposo Joaquim pertenciam à tribo de Judá, que levavam ambos uma vida santa; que possuíam grandes rebanhos, mas infelizmente não tinham filhos. Entre os Judeus, era esta a pior das ignomínias, e isso representou por vezes para Joaquim a humilhação de ver as suas ofertas rejeitadas no Templo. Mas lá veio um dia em que, depois de muitas preces e humilhações, Ana deu à luz Maria, a mais perfeita das criaturas humanas, que por sua vez seria a Mãe do Salvador.

O culto de Sant'Ana espalhou-se primeiro pelo Oriente; no ano 530 o imperador Justiniano erigiu em sua honra uma basílica em Constantinópla e os gregos têm hoje ainda nada menos de três festas anuais para honrar a avó de Nosso Senhor Jesus Cristo.

No Ocidente, a devoção a Santana passou a gozar de grande popularidade a partir da época das Cruzadas e a nossa devoção a Ela tem por fundamento o elo que a une à Maria e ao Verbo encarnado. A Esposa de S. Joaquim excedeu a todas as outras pelas suas riquezas tendo em vista as graças, virtudes com que o Espírito Santo descreve a mulher forte. (Epístola Sabedoria Prov. 31, 10-31).

Seu culto, muito antigo, remonta ao VI. século no Oriente e ao VIII no Ocidente; foi autorizado por Unabó IV em 1378. Gregório XIII fixou, em 1584, sua festa a 26 de julho, e Leão XIII estendeu-a à toda a Igreja, em 1879.

## Hoje, festa de Santa Ana, padroeira da arquidiocese

Ocorre hoje a festa de Santa Ana, esposa de S. Joaquim e mãe de Nossa Senhora. Seu culto, no Oriente, data dos primeiros tempos do cristianismo; no Ocidente é conhecido desde, pelo menos, o século VIII. O Papa Gregório XIII, em 1584, estabeleceu a sua festa para toda a Igreja, considerando o constante desenvolvimento e a universalidade da veneration dos fiéis à Santa Ana. Devoção essencialmente portuguesa, sob a invocação de seu nome nasceram numerosas de nossas cidades, como Mogi das Cruzes (Santana de Mogi das Cruzes) ou Santana de Parnaíba ou ainda, em Minas Gerais, dando origem a um dos mais belos topônimos brasileiros: Santana dos Olhos d'Água. Deu também o nome a um dos antigos balneários paulistanos. É a segunda padroeira da Arquidiocese de São Paulo (a primeira é Nossa Senhora da Assunção, e o padroeiro, S. Paulo). Por esse motivo se lhe dedica um dos altares da Catedral Metropolitana.

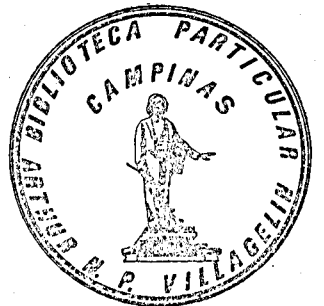
Filha de Nathan, sacerdote que morava em Belém, Ana foi consagrada no tempo desde os 3 anos. Perdendo seus pais cresceu na casa de Deus e ao atingir a idade apropriada casou-se com um galileu de nome Joaquim, sacerdote do templo. O casal, entretanto, conservara-se estéril, o que, de acordo com a lei mosaica, permitiria a S. Joaquim repudiar a esposa. Ele, no entanto preferiu re-

nunciar às suas dignidades e conservar-se ao lado da esposa. Seguiu a consciência, ao coração e, mais que tudo, aos ditames impercrustáveis da Providência.

Foi assim que, já entrado em anos o casal, Ana concebeu a Virgem Maria, que seria não só o encanto de sua velhice como instrumento da redenção do mundo. A iconografia cristã mostra-nos Santa Ana guiando os primeiros passos de Nossa Senhora Menina. Ignora-se a data de sua morte, mas presumivelmente ocorreu quando Maria Santíssima foi, por sua vez, confiada à guarda do templo, para educar-se.

Mãe da Mãe de Deus, e portanto avó de Jesus, a data de sua festa seria a mais indicada para a celebração do "Dia da Vovó", a ser agora instituído e que os interesses comerciais, no entanto, preferiram fixar para 31 de julho (fim das férias). E bem que se poderia manifestar a esse respeito a Confederação das Famílias Cristãs. —

H. D.



# Comemora-se hoje o cinquentenário da morte de Sant'Ana Gomes

CORREIO POPULAR

4 de Abril de 1958



Ha mortes que, pelas saudades que nos deixam e pela obra que desenvolveram em vida, devem continuar vivos em nossa memória e na nossa permanente reverência. Assim, permanece nessa imortalidade a figura inconfundível de Sant'Ana Gomes, irmão do famoso maestro Antonio Carlos Gomes, cujo nome até hoje tem elevado o prestígio e o conhecimento da terra que lhe serviu de berço. E, na data de hoje, quando se assinala o 50.º aniversário da morte de Sant'Ana Gomes, o acontecimento merece ser lembrado numa justa homenagem à sua memória. Não poderia, em absoluto, passar despercebida tão significativa efeméride, oportunidade feliz para o registro de sua existência inteiramente votada à Arte Musical, como foi a de seu progenitor, a do seu mano Tonico e dos seus rebentos que ora pontificam no cenário artístico do país. Procuramos, porisso, um dos filhos ainda vivos de Sant'Ana Gomes, em busca de algumas palavras sobre a figura do seu pai.

## OUVE O "CORREIO POPULAR" O SR. ARLINDO GOMES

Sabedores de que o dia de hoje marcava o cinquentenário da morte do irmão mais velho de Carlos Gomes e que muito contribuiu, inclusive financeiramente, para que o autor do "Guarani" concluísse os seus estudos, fomos ouvir um dos seus filhos, o sr. Arlindo Gomes, ora aposentado como chefe de escritório da Companhia Mogiana, onde trabalhou pelo longo espaço de 47 anos.

Recebeu-nos, em companhia de sua esposa, a profa. d. Antonieta Ladeira Gomes e da sua filha professora Yolanda, em sua residência à rua Governador Pedro de Toledo. E entabulou-se uma palestra em torno do fato que ali nos levava. Expressões de saudade e veneração vieram, então, à tona.

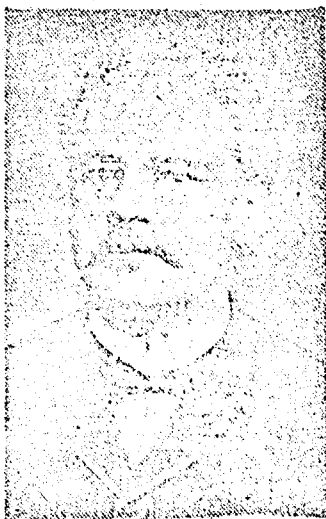
— "Jamais deixei de cultivar a augusta memória de meu pai, embora o tivesse perdido aos 15 anos de idade. Não só pelos laços bastante íntimos presos pelo meu amor filial, mas principalmente também pela obra artística que deixou à posteridade, como pelo nome honroso que nos legou". Foram estas as primeiras manifestações partidas do sr. Arlindo Gomes, hoje retido ao lar por insidiosa moléstia que o atacou.

Sant'Ana Gomes, depois, no decorrer da conversação, foi o ponto central e surgiu, então, o elevado papel por

êle desempenhado no campo musical e bem traduzido na biografia que se segue. alguns de cujos elementos obtivemos do nosso entrevistado, que se mostrou repleto de reconhecimento à homenagem que o "Correio Popular" queria prestar em suas colunas, nesta data evocativa.

## VIDA DEDICADA A MÚSICA E A CARLOS GOMES

Falar no nosso homenageado sintetiza, ao mesmo tempo, uma evocação à fase brilhante de uma Campinas ar-



Sant'Ana Gomes aos 34 anos de idade.

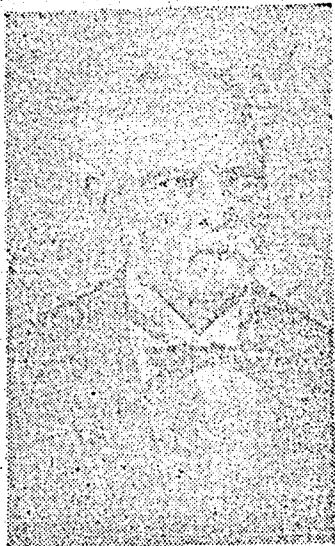
tística. Faz lembrar a chegada à nossa cidade do seu primeiro músico Manoel José Gomes (1792-1868), vindo de sua terra natal — Parnaíba — e que aqui logo se firmou como mestre de capela. De sua numerosa prole, resultante de quatro matrimônios, deixou o "Maneco Músico" destacaram-se na divina arte Carlos Gomes, Sant'Ana Gomes, Joaquina Gomes e Ana Gomes. Mas, se o maior maestro e compositor das Américas atingiu a máxima glória, Sant'Ana Gomes teve, também, o seu brilho com suas páginas sacras e profanas, com a sua orquestra de fama em todo o Estado.

Como filho mais velho de Manoel José Gomes, suas responsabilidades eram maiores e levou-as, depois, até ao sacrifício de vender tudo o que possuía em benefício dos estudos do seu irmão genial.

Grande compositor, escreveu Sant'Ana Gomes a ópera "Alda", com libreto de Emilio Ducat; em quatro atos, cujo tema é o feudalismo, mesclado com amor de cigano, história delicada e mimosa. Esmerou-se o seu talento artístico, exuberantemente, em seu quinteto "Saudades", "Gei Orfanelli", "Berceuse" e no admirável trecho sacro "Tristi est anima mea", de elevada inspiração e arte superior. Escreveu, ainda, "Ave Maria Stella", para soprano, viola d'amor e orquestra, executada, pela primeira vez, por ocasião da solenidade inaugural da Matriz Nova a 8 de dezembro de 1883. Deixou, também, incompleta uma outra ópera, a "Semira" e na qual revelava o seu poder de composição. Enfim, sua obra artística é sobremaneira notável.

## FILHOS E NETOS HONRAM A TRADIÇÃO

Nasceu Sant'Ana Gomes em Campinas, a 1 de agosto de 1834, batizado com o no-



Ultimo retrato de Sant'Ana Gomes

me de José Pedro e seu falecimento deu-se a 4 de abril de 1908, portanto aos 73 anos de idade.

Casado com Deolinda Gomes, teve dessa união cinco filhos, o mais velho, Paulino, morto na Italia, quando se aprimorava na arte musical. Os demais foram: Alice Gomes Grosso, viuva de Rodolfo Grosso, falecido há seis meses atrás no Rio de Janeiro; Alfredo Gomes,

ora aposentado como professor do Instituto Nacional de Música; Alzira Monteiro Gomes, esposa do sr. Didier Monteiro, aqui residentes; e o sr. Arlindo Gomes, com quem o "Correio Popular" se entrevistou.

Filhos de d. Alice Gomes Grosso, a apreciada maestrina do passado nos cinemas de Campinas, ao tempo da cena muda, são os nomes famosos do cenário artistico e musical do Brasil, campineiros de nascimento como os seus ancestrais aqui citados: Iberê, Ilara, Alda. O primeiro, violoncelista de renome, é lente catedrático do Instituto Nacional de Música; Ilara, pianista consagrada e Alda, violinista, casada com outro artista do violino Oscar Borghetti.

**OUTRAS PASSAGENS MARCANTES DE SANT'ANA GOMES**

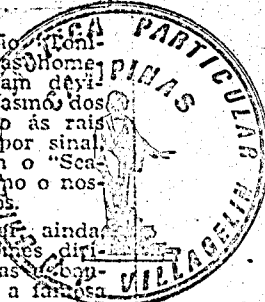
Antes de encerrarmos estas notas rápidas da biografia de Sant'Ana Gomes, algumas outras passagens merecem ser aqui realçadas.

Quando em Milão foi representada pela primeira vez "O Guarani" ali se achava presente Sant'Ana Gomes, em companhia de Lessa Paranhos e Antonio do Carmo. Fôra leyar seus aplausos ao irmão que tanto queria. Mais tarde, a vitoriosa ópera foi levada em Campinas, sob a regência de Sant'Ana Gomes, que, na au-

sência do seu irmão, "Tonico" recebeu todas as homenagens que lhe eram devidas, tendo o entusiasmo dos campineiros atingido as raias do delirio. Dizem, por sinal, as criticas que nem o "Scala" vibrou tanto como o nosso velho São Carlos.

E' de se ressaltar, ainda que, Sant'Ana Gomes dirigiu varias orquestras, bandas, entre as quais a famosa "Filorfenica", corporação musical constituída por moços da melhor sociedade campineira, entre eles Bento Quirino dos Santos, Rafael de Abreu Sampaio, Francisco Roso, Leão Cerqueira, os irmãos Monteiro de Carvalho e Silva e outros. Organizou e dirigiu, tambem, a Sociedade Musical "Carlos Gomes", uma das mais importantes iniciativas do genero aqui levadas a efeito, para cuja estreia o autor de "Guarani" escreveu, na Italia, e para aqui enviou o "Hino das Artes". Apesar de suas multiplas atividades no setor artistico e musical, empresou, em certa ocasião, uma companhia de zarzuelas espanholas, cujos artistas principais — soprano tenore barítono — contratados na Espanha, moravam em Campinas, pois o conjunto aqui atuou cerca de 10 meses, com exhibições repletas de sucesso ás quintas, sábados e domingos.

Como violinista, Sant'Ana Gomes possuía notaveis qualidades que poderiam leva-lo



O sr. Arlindo Gomes quando relembra o vulto do seu pai ao ser visitado pelo "Correio Popular".

à major fama, não fosse a sua extrema modéstia e a dedicação que sempre devotou ao seu predestinado irmão. A 11 de junho de 1870, já triunfante Carlos Gomes, e sem dele querer separar-se, tomou passagem á bordo do "Polton", que os conduziu ao Rio de Janeiro e daí a Campinas, onde foram recebidos com todas as honras de volta dos campos da vitória.

Por ocasião do lançamento da primeira pedra do atual monumento de Carlos Gomes, feito por Santos Dumont, houve uma festa no Centro de Ciências Letras e Artes, sendo a parte musical dirigida por Sant'Ana

Gomes, com papel saliente do seu filho, Alfredo, que no ano seguinte, em 1909, conquistava o primeiro premio no Real Conservatório de Bruxelas.

**JUSTO PREITO DE SAUDADE**

Hoje repousam os restos mortais de Sant'Ana Gomes no nosso Cemitério da Saudade e sobre o seu túmulo se ergue o seu busto, que foi o primeiro trabalho do escultor Marcelino Velz.

Ali, tambem, um trecho do seu magnifico trabalho — "Saudade" — traduz bem o preito saudoso de homenagem dos seus conterrâneos.

*Handwritten signature or initials, possibly 'CAM'.*



## NO GIRO DO TEMPO

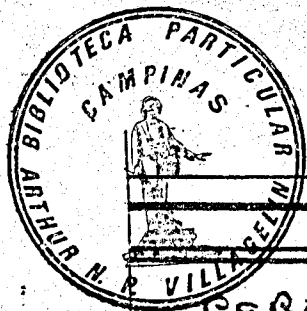
O DIA A DIA DA CIDADE DE HÁ TRINTA ANOS NO NOTICIÁRIO DO "CORREIO POPULAR"

No dia 1.º de agosto de 1948, entre outras notícias locais, publicou o "Correio" as seguintes:

### JOSE PEDRO DE SANT'ANA GOMES

Comemora-se hoje o 114.º aniversário do nascimento do maestro José Pedro de Sant'Ana Gomes. Falar desse outro filho de Manéco Músico e Nhá Fabiana é evocar um passado de glória para Campinas, porquanto o seu nome está ligado à lírica "Princesa D'Oeste" de outrora quanto o está o maestro seu mano de fama internacional. Após aquele concerto em Campinas em abril de 1859, foi que Carlos Gomes seguiu para São Paulo, onde foi festejado pelos estudantes. Foi, sem dúvida, Sant'Ana Gomes que encorajou e estimulou o irmão menor, para que empreendesse sem temor a escalada que lhe daria a imortalidade. Por ocasião da estréia, na Itália, de "O Guarani", lá estava Sant'Ana Gomes ao lado do irmão querido. Tão íntimas eram as suas vidas, que inspiraram bonitos versos do poeta Quirino dos Santos. Falecendo a 4 de abril de 1908, grande foi o número de composições deixadas por Sant'Ana Gomes, dentre as quais "Saudade", melodia para 2 violinos, viola, violoncelo e contrabaixo; "Lamento dos órfãos", "berceuse", para violino e piano; "Ave Maria Stella", para soprano e orquestra, cantada pela primeira vez por ocasião da inauguração da Matriz Nova, em 8 de setembro de 1883. Sant'Ana Gomes, que tocava rabeca, foi também maestro e possuiu um conjunto próprio de orquestra.





1980  
Campinas, 11 de maio de 1980

CORREIO  
POPULAR

## SANT'ANA GOMES

José Alexandre dos Santos Ribeiro

Há algumas semanas atrás, tratamos aqui do Maestro e compositor Manuel José Gomes, pioneiro do ensino da composição musical sistemática em nossa cidade e que, nascido na hoje Santana do Parnaíba em 1792, veio para Campinas por volta de 1812 ou 13, aqui morrendo em 1868.

O nosso Antonio Carlos Gomes foi seu segundo filho — músico. Mas, dois anos mais velho, era seu irmão José Pedro de Sant'Ana Gomes, filho, como Antonio Carlos, do velho Manuel José Gomes, e que nasceu em Campinas a 1 de agosto de 1834, aqui falecendo aos 74 anos de idade, a 4 de abril de 1903.

Tendo desde criança mostrado seus pendores musicais, José Pedro de Sant'Ana Gomes, aprendeu música com o pai, participando, já criança, da famosa banda que este fundara em Campinas, e ajudando depois (com Carlos Gomes também o fizera) nas aulas de música da família.

Tendo escolhido o violino como seu instrumento preferido, José Pedro deu, durante a mocidade, inúmeros recitais não só em Campinas, mas também em São Paulo, graças à amizade existente entre seu pai e o velho Henrique Luiz Levy, pai dos compositores brasileiros de São Paulo, Luiz Henrique e Alexandre Levy.

Quando seu pai morreu em 1868, José Pedro de Sant'Ana Gomes já tinha 34 anos e, como seu célebre irmão-músico, já estava radicado na Itália, estudando há cinco anos em Milão, José Pedro assumiu a sucessão do pai em seus "negócios musicais" e na direção familiar, radicando-se definitivamente em Campinas.

Por outro lado, é de crer que tenha faltado a José Pedro, a "ousadia" necessária, na mocidade, para sair de Campinas, e de perto do pai, a fim de tentar estudos e vida artística em São Paulo, Rio, ou no exterior, como fizera seu irmão.

O fato é que não há documentos que digam se ele tentou ou não, sair de Campinas, ou se ele não se achava com o necessário talento-musical-mínimo para tanto.

O que é verdade, porém, é que Sant'Ana Gomes deixou obra musical considerável, se se levar em conta a pouca formação teórica que teve.

Dividindo seu tempo entre aulas particulares de Música, regência de bandas e de uma muito considerada "Orquestra Carlos Gomes", que se sabe que ele fundou aqui, e eventuais apresentações como violinista aqui e no "Clube Haydn" de São Paulo, Sant'Ana Gomes compôs formas menores, como as polcas "Angela", "Saboiardos", "Tico-Tico", "A Primavera", "Filula" e "Polca sem Fim"; compôs valsas, como "Guarani", "Frederquinho". "Clube Campineiro"; compôs também mazurcas e quadrilhas — ("Fluk-Flok", "Clube Semanal").

Em Música instrumental, compôs, entre outras peças, um "Andante e bolero em ré menor", um "Piston solo em lá", uma berceuse para violino e piano, um "Dueto de piano e alguns romances, como "Sonho" "Sorriso de amor".

Frequentou também a música de Câmara, compondo vários quartetos e quintetos de cordas, bem como um sexteto, intitulado "Homenagem a Cesar Blerrembach".

Compôs também peças vocais, como um "Romance para canto e piano" e, pelo menos duas canções: "O filho da lavadeira" e "Suspiros", ambas para canto e piano.

Em Música Sacra, sabe-se que compôs um "Credo do Norte" (1861), "O Salutaris", para coro e orquestra (1873), "Fange Língua" (1879), "Ave Maris Stella" para mezo-soprano e viola d'amore (1883) e "Tristis et anima mea" para a Sexta-feira Santa.

Compôs ainda a ópera "Alda", em 1904, deixando outra inacabada ("Semira").

O Museu Carlos Gomes do Centro de Ciências, Letras e Artes, fundado pelo incansável José de Castro Mendes possui em seu acervo boa parte das peças acima citadas que, contudo, nunca se ouviram, pelo menos nos últimos 70 anos, com alguma raríssima exceção.

Imagina-se que essas músicas de José Pedro de Sant'Ana Gomes tenham estilo e linguagem musical bem ao sabor "romântico-seresteiro", a julgar pela formação que o músico teve, e pelo fato de nunca ter daqui saído.

Mas seria de todo importante que as entidades musicais de nossa cidade se despusessem a fazer uma pesquisa e um levantamento dessas partituras todas, para executá-las, e assim todos poderemos chegar a uma avaliação consciente da Música que produziram Manuel José Gomes, seu filho José Pedro de Sant'Ana Gomes, e outros tantos compositores campineiros ou radicados a Campinas, entre meados do século passado e inícios deste.

De alguns desses outros compositores, falaremos em artigo próximo. Mas é muito difícil, e mesmo pouco importante, falar-se de compositores cujas obras não se ouvem!

O que espera a cidade de Campinas que o mundo faça com os seus compositores, se ela mesmo nada fizer?

RUA SANTANA GOMES

Edital de 12-setembro-1927

## Uma dívida de gratidão

José de Castro Mendes.



A data de hoje assinala o nascimento de José Pedro de Sant'Ana Gomes, irmão germano de Antonio Carlos Gomes, filho de Manoel José Gomes e precursor do ensino musical nesta cidade, e de Fabiana Maria Cardoso. Vindo ao mundo em 1834, na então Vila de São Carlos, o Juca, como era familiarmente conhecido, desde pequeno demonstrou suas invulgares disposições para a Arte, aprendendo com o genitor vários instrumentos, entre os quais a viola, e o violino no qual se mostrou executante de envergadura, chegando ao virtuosismo. Poderia ter alcançado renome internacional não fosse a excessiva modestia traço predominante de seu caráter. Com o falecimento de Maneco Músico, assumiu a responsabilidade do magisterio musical, dirigindo bandas e orquestras que desfrutavam grande conceito, consideradas como as melhores da Província.

Empresários e artistas, integrantes de notáveis conjuntos de óperas que aqui aportavam no século passado, não escondiam a sua admiração por encontrarem numa pequena cidade do interior um valor artístico como Sant'Ana Gomes, que ensaiava e dirigia as mais pesadas obras com invulgar desenvoltura e maestria. Boníssimo como era, em várias ocasiões amparou financeiramente a Carlos Gomes para que ele continuasse a trilhar os asperos caminhos da Arte, sem desânimos, chegando ao pedestal da glória e da imortalidade.

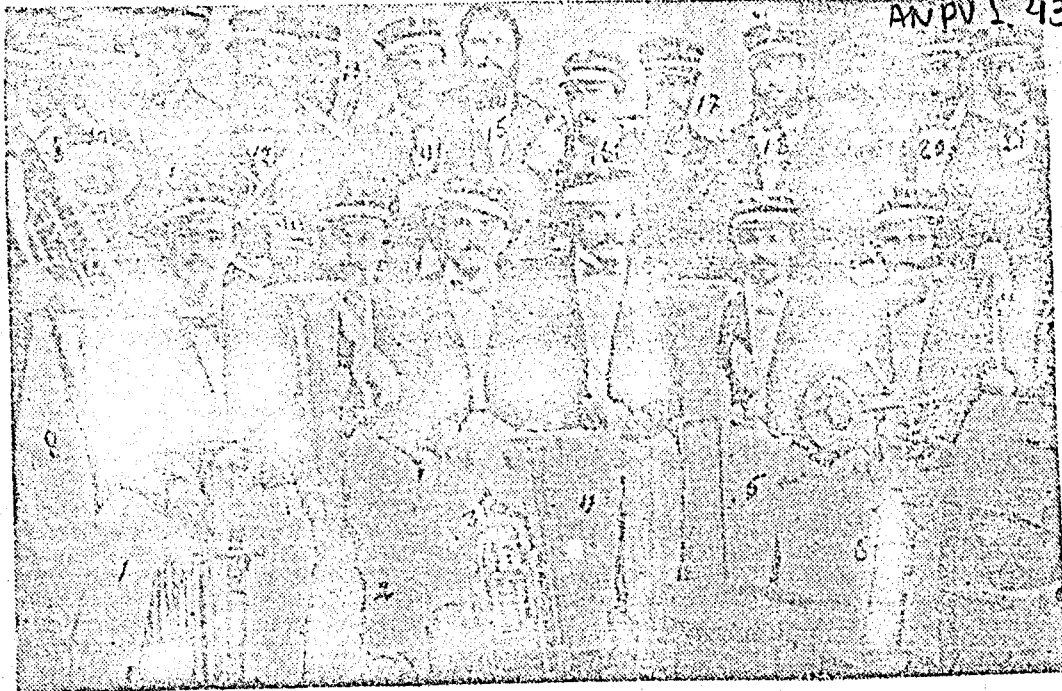
Compositor de requintada inspiração, Sant'Ana Gomes escreveu numerosas peças de vários gêneros, para bandas e orquestras; quartetos, solos e músicas sacras, deixando em todas a marca inconfundível de uma personalidade artística invulgar que poderia ter alcançado projeção além de nossas fronteiras tal como o seu irmão.

Falecendo a 4 de abril de 1908, amigos e admiradores exigiram-lhe no cemitério da Saudade modesto jazigo, de mármore, onde figura o seu busto em bronze, excelente trabalho do escultor conterrâneo Marcelino Velez, tendo ainda uma placa em bronze com um trecho da melodia Saudade, uma de suas primorosas composições.

Mas, Sant'Ana Gomes, pelo muito que fez, pelo que representa na historia da Arte nesta cidade bem merecia uma estátua em praça publica, alvo da admiração geral o que não acontece com o seu busto meio escondido numa alameda da velha necropole do Fundão.

(Extraído do jornal "Correio Popular" de 01-08-1969)





C. Da.

## A Banda de Santana Gomes

Fotografia da "Banda de Música Filarmônica", tirada em 1933, há 83 anos portanto. Da esquerda para a direita, sentados: 1 — Francisco de Paula Simões dos Santos; 2 — José Emílio Junior; 3 — Bento Quirino dos Santos; 4 — José Pedro de Santana Gomes (maestro); 5 — Joaquim Paula Vilarinho; 6 — Carlos Augusto Bressane. (De pé, da esquerda para a direita: 7 — José Manoel Alves Cruz; 8 — Firmiano Pires da Motaz; 9 — Antônio Antunes Pereira; 10 — José Belmonte; 11 — Leão Cerqueira; 12 — Rafael de Abreu Sampaio; 13 — Antônio Carlos Sampaio Peixoto (Sampaio); 14 — Joaquim André Couto; 15 — Antônio Firmiano de Carvalho e Silva (Chico Pingarra); 16 — Antônio Félix de Souza Brito (Tatá); 17 — Bento Evangelista Ferreira Pires; 18 — Francisco de Araújo Rosa; 19 — Francisco de Carvalho e Silva (Chico Pingarra); 20 — Custódio Manoel Alves; 21 — Antônio Alves de Barros Cruz.



Cam

DIÁRIO DO POVO

SABADO, 6 DE MARÇO DE 1954



B. P. 15  
 Av. Tol. E. 51. 71-22  
 Campinas  
 Documentário de Campinas

## Ruas da cidade:

**SANTANA GOMES — rua**  
**(José Pedro de Santana Gomes)**

Começa na rua Luis Gama e termina na rua João Ribeiro, no BAIRRO DO BONFIM.

A denominação foi dada pelo Edital de 12 de setembro de 1927. Tem 15 metros de largura.

Dados Biográficos: José Pedro de Santana Gomes nasceu em Campinas, no dia 1.º de agosto de 1834 e faleceu a 4 de abril de 1908. Era filho de Manuel José Gomes e Fabiana Maria Cardoso, sendo, portanto, irmão mais velho de Antonio Carlos Gomes.

Predestinado para a música, poderia ter sido baleado, pela glória, não fosse envolvido na penumbra da excessiva modestia. Viveu quase que exclusivamente para os seus discípulos, cultivando com todo amor a divina arte musical. Com a morte de seu pai, assumiu o magistério musical, exercendo grande atividade como diretor de orquestras e de bandas filarmônicas. Mostrou desde muito cedo acentuado pendor pelas composições musicais, tendo composto belíssimas e delicadas páginas musicais, tais como: "Tristis est anima mea"; "Saudade"; quinteto para cordas; "Alda", linda ópera em 4 atos, e "Semira" ópera incompleta. Foi um dos mais notáveis violonistas brasileiros, tendo legado à posteridade grande número de composições para esse instrumento.

Coração muito bondoso, foi ele quem acompanhou de perto os estudos de Carlos Gomes, na Itália, ao tempo em que para este eram escassos os recursos, por força da suspensão da remessa de fundos por parte do Governo Brasileiro. Foi ele, quem, pressuroso, ia dispondo de tudo quanto podia e possuía, para impedir que seu irmão interrompesse a sua gloriosa carreira artística, e esse desejo foi totalmente cumprido, visto que, anos mais tarde, com lágrimas nos olhos abraçou, no próprio teatro de Milão, o autor de "Guaraní", o seu querido e inseparável irmão.

A.M.G.

RUA SANTANA GOMES



JOSE PEDRO DE SANTANA  
GOMES

No Cemitério da Irmandade do Carmo, está o túmulo de Sant'Ana Gomes. Irmão mais velho de Antonio Carlos Gomes, nasceu a 1.º de agosto de 1834 e faleceu a 4 de abril de 1908. Já em 1859, com seu irmão Carlos Gomes e Luiz Levy, foi a grande revelação do Tônico de Campinas junto aos estudantes, tendo sido Sant'Ana Gomes o animador que estimulou o irmão que, cheio de coragem, empreendeu a escalada da glória. Sant'Ana Gomes, também grande talento musical, escreveu "Saudade" para quinteto de cordas, dedicada ao seu irmão: "Lamento dos Orfãos", por ocasião da epidemia de Campinas; "Berceuse"; "Ave Maria Stela", para soprano com acompanhamento de orquestra obrigado a Viola D'amor, instrumento que tocava com rara perfeição; duas operas "Semira" que deixou incompleta e "Alda" opera balie, em 4 atos, da qual ouviram trechos os campineiros, não tendo sido levada à cena. Os funerais de Sant'Ana Gomes foram uma glorificação e homenagem do povo campineiro, tendo a Prefeitura Municipal prestado as honras de que merecia. Os seus amigos e admiradores mandaram confeccionar um artístico túmulo de mármore, com o busto do maestro, trabalho do escultor Velez.

(Extraído da reportagem "Eles Vivem na Saudade e na Veneração de Campinas...", de autoria do jornalista Santos Junior, estampada na edição nº 7356 do jornal "Correio Popular" de Campinas de 02-novembro-1952)



## A S B A N D A S D E C A

## XIII

Campinas, desde a metade do século passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas", com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido como "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse



e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Corte Imperial. "Maneco Músico", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vezes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rapazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tônico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), formavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do rígido "Maneco Músico", que passa a tomar parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorfenicas". "Juca Músico", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorfênica": "Chico Pingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Músico". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorfenica", dirigida também por aquele maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes, o rabula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico" e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca



GERALDO SESSO JUNIOR

165



Músico", para desgosto deste, era também conhecida como a "Banda de Baixo", em vista da séria concorrência que lhe fazia a então "Banda Romana", dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a "Banda de Cima". Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas "Banda da Santa Cruz" e a "Euterpe Infantil", que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a "Banda Mato Dentro", dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de "Juca Músico" e a "Banda Fazenda S. Maria", compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Viçela. Com a morte de "Maneco Músico" ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1858, Sant'Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a "Banda Carlos Gomes", em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada "União Operária", sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de índole artística resolvem os italianos arremeter os "paisanos" interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a "Banda Italo-Brasileira", que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



## RETALHOS DA VELHA CAMPINAS 167

na maioria de origem italiana: Giuseppe Troiano, Romualdo Suriani, Panfilo Sabatini, Giovanni Suriani, Miquel de Felippis, Gabriel de Vasconcelos, Ernesto Ricci, Benjamin C. da Silva, Pompeu de Tullio Sobrinho, Martinho Badhe, Carlos e Clemente Hilchner, Paulo Suriani, Marotta Antonio, Marcos Vivarelli, Atilio Dangieri, Giustino Scamuffo, Domenico Curcio, Francisco Tullio, Humberto Troiano, Natale Salateu e Francisco Vevoni. Com o passar do tempo notava-se que o aparecimento da "Banda Italo-Brasileira" provocou o surgimento de novas corporações de música e dentre elas podemos apontar: "Banda da Fazenda Chapadão", "Banda da Fazenda Recreio", ambas sob a regência de Leoncio da Silva, "Soc. Musical Lira de S. Benedito" com a regência de Luiz Monteiro, "Banda Brasileira" do maestro Salvador Bueno de Oliveira, "Banda Garibaldi", "Musical Campineira de Homens de Cór", dirigida por João de Oliveira, "União Campineira de Cór", "Banda Progresso"; fundada por Giuseppe Troiano, em fins de 1913, isso sem contarmos com inúmeras "charangas" que existiam e das bandas militares, que pertenciam ao governo. Em 1905, sob a direção do maestro Zimbres, é organizada a famosa "Banda do Boi", corporação que durante muitos anos divertiu o povo campineiro nas épocas carnavalescas. Em 1909, a "Banda Italo-Brasileira", comemorando o seu décimo quarto ano de existência, fez realizár grandiosa retreta no então "Jardim Público" (hoje Praça Imprensa Fluminense) que ficou totalmente tomada. Foram convidadas muitas personalidades da cidade de São Paulo e do interior, que não regatearam aplausos à então famosa banda que ia se tornando conhecida como uma das mais perfeitas das existentes no país. Por certo ainda está gravada nos corações dos antigos campineiros esta festa em que tomaram parte os seguintes músicos, sob a batuta do não menos famoso Troiano: Marco Vivarelli, Francisco Tullio, Constantino Suriani, Paulo Suriani, Emilio Rosini, Raúl da Luz, Diogo I. Bratfish, Atilio Dangieri, Augusto Moreira, Domenico de Curcio, Miguel de Felippis, Olivio Trevisalli, João Suriani, Natale Salateu, Humberto Troiano, Justino Scamuffo, Lourenço Luppi, Palmerino Suriani, Pampilo Sabatini, Martinho Badhe, Olivio Catuzzo, Leopardo Russo, Jaime Pires, Pompeo de Tullio e Giuseppe Pizzati, este último, apesar de seus

GERALDO SESSO JUNIOR

169



longos janeiros às costas, pode ser visto nas retretas que são realizadas atualmente no coreto da Praça Carlos Gomes. Naqueles mesmos dias, durante os festejos que se realizavam, José Veneri é aclamado presidente benemérito pelo muito que havia feito em benefício da "Banda Italo-Brasileira" e, além daquele cavaleiro, podemos apontar a figura do saudoso Domingos Paulino, outro elemento que muito trabalhou em prol da música em nossa terra: foi eleito por diversas vezes, presidente da "Banda Italo-Brasileira" e em 1911 eleito também presidente da "Banda Carlos Gomes". Os anos foram decorrendo e pelas trilhas que a "Banda Italo-Brasileira" ia passando, ficavam os sulcos de grandes sucessos que se acumulavam de ano para ano. Quando dos festejos do centenário de 1922, aquela corporação é convidada a tomar parte dos mesmos, que se realizavam no Rio de Janeiro, com a presença de Epitácio Pessoa, então presidente da República e do Rei da Bélgica, que se achava em visita ao nosso país. Os componentes da Banda foram aplaudidos freneticamente por todas as altas autoridades ali presentes. Essa caravana havia sido organizada e dirigida pelo jornalista Alvaro Ribeiro que, em companhia de Domingos Paulino, não mediu esforços e sacrifícios para poder apresentar ao povo brasileiro uma corporação digna do nome de Campinas. Mais tarde outras bandas musicais foram organizadas, entre elas a "Corporação Musical Campineira dos Homens de Côr", fundada pelo maestro João de Oliveira e atualmente dirigida pelo sr. Venâncio Pompeo, que vem servindo o público campineiro desde 11 de junho de 1933, data de sua fundação e "Banda Santa Cecília", fundada em 1946, que também vem cooperando nas retretas que se realizam em nossa cidade. Quando da última Guerra Mundial, por questões políticas, a Banda "Italo-Brasileira" foi obrigada a ter outra denominação, passando a ser conhecida até hoje como "Banda Carlos Gomes".

As grandes corporações musicais que Campinas possuía no passado ficaram reduzidas a três, que lutam com dificuldades e a continuar assim, em breve, não teremos mais retretas musicais em Campinas, pois não temos no momento nem direito de afirmar que as "bandas de cá" são melhores que as "bandas de lá"...

(Extraído de fls. 161 a 169 do livro "Retalhos da Velha Campinas" de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Empresa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, Campinas, SP, 1970)

anpv/06/1980